

CRÔNICAS

DE DOMINGO



Robério Braga
 Colunista especial de A CRÍTICA
 EMAIL: roberiosbraga@gmail.com

VIDA QUE SEGUE

“ Percebi a gravidade do momento, encostei a porta para resguardo daquela hora particular, e, lábios trêmulos, rezei em silêncio com o coração apertado.

Setembro de 1986.

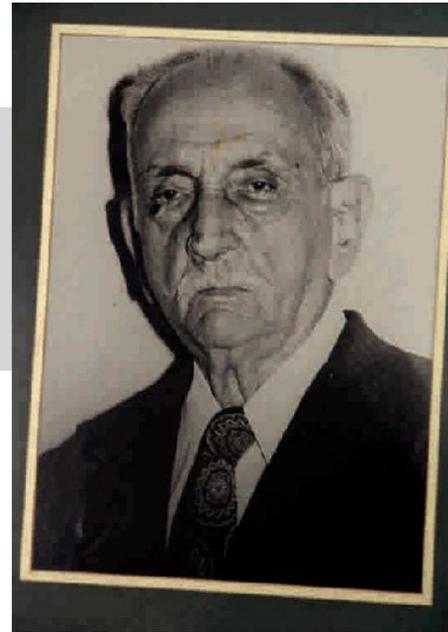
A vida caminhava normal para a maioria das pessoas, mundo afora. Os sofrimentos, dores, tristezas, se abatiam mais fortemente sobre os que padeciam em meio às nuvens da desesperança, como sempre sucede. Um quarto de hospital, em terra alheia, resumia a esperança de uma família inteira. Todos os esforços médicos, desde os mais modernos e cirúrgicos da ortopedia, aos mais clássicos, da hemodinâmica à homeopatia e florais, eram aplicados. O êxito da cirurgia e o ânimo demonstrado pelo paciente haviam conferido novo ar de graça e alegria a todos nós.

O temporal dos altos rios havia passado, diriam os marinheiros. O tempo parecia entrar em mansidão como acontece após a travessia dos rios revoltos pelas larvas do vento forte que costumam descer no alto verão na imensidão amazônica, tal qual no mar aberto quando atravessado pelas caravelas ou pelos portentosos transatlânticos. Os momentos de mais aguda tensão pareciam ter cedido, desde quando aquele médico se negou a atender o paciente na sua casa de residência, apesar da idade avançada, e impôs fizéssemos

grande mobilização de amigos para transportá-lo a outras terras em busca da recuperação de sua saúde física abalada por escorregão da cadeira de embalo.

Pouco depois a calma sofreu abalo porque o progresso da recuperação cedeu lugar a agravamento do quadro clínico, de forma inesperada. Afinal, eram quase 98 anos de idade. No entanto, havia esperança de sucesso e confiança na palavra dos cientistas, mas, ao mesmo tempo, compreensão de que há tempo certo de permanência de cada um dos homens sobre a terra, e que a transição para o mundo da eterna luz acaba chegando para todos. Em Manaus, um dos filhos, ouviu em comunicação mediúnica a definição do há-de-vir: “irmão Lourenço, o sol nasce e se põe”.

Naquele dia que caminhava para seu aniversário de nascimento, alguns familiares liderados pela matriarca, professora e força motriz da nossa união, se debruçavam em orações em pequeno apartamento hospitalar; outros conversavam com um médico amigo à porta do quarto especial em que se encontrava o paciente. Voz baixa, quase em sussurro, trocávamos votos de confiança e fé na sua recuperação. Um dos fi-



lhos retornara à cidade de origem para tomar providências necessárias para a manutenção da família na capital paulistana, pois, de posses remediadas, estavam se esgotando os recursos disponíveis. De repente, um movimento inesperado no interior do quarto chama a atenção. Porta entreaberta, percebi que se tratava de reanimação com massagem cardíaca. A agitação dos médicos e enfermeiros não perturbou a paz externada visivelmente pelo paciente, sempre com semblante sereno a denotar paz interior. Não alterou meu ânimo, também. Percebi a gravidade do momento, encostei a porta para resguardo daquela hora

particular, e, lábios trêmulos, rezei em silêncio com o coração apertado.

Pouco depois a notícia da despedida. A médica da família, que tantas vidas salvara a ponto de ser considerada a Sant’Ana do hospital de crianças carentes, ao saber do fato apressou-se em procurar reanimá-lo, também, depondo sobre ele a sua energia e experiência, e, mais que isso, o seu amor, mas o desencarne estava consumado.

Minutos a seguir estávamos reunidos em oração, mãos dadas, vozes embargadas, corações sofridos, rogando ao Supremo Senhor que a tudo preside conforme a fé que ele nos inculuiu e ensinou, e depositávamos flores e bênçãos em gratidão pela beleza da vida que acabara de cumprir, pelos exemplos que deixava, pela união que nos fizera conhecer em corrente inquebrantável, pelos deveres de honra à verdade, ao trabalho e à dignidade que nos ensinara desde a tenra idade.

Uma voz se ergueu mais forte e solene, temperada de amor e emoção, sofrida, mas fortalecida pela fé e clamou pela nossa permanente união e observância dos exemplos recebidos, assinalando, mansa e decididamente: “a vida segue... e nessa sequência que há de vir, ele estará conosco e no meio de nós para sempre, pelo tanto do amor que nos devotou e porque o espírito é imortal e os laços de família não se rompem nem mesmo em relação aos que partem a caminho da Luz Superior”.

Desde então, ouvindo a mãe e mestra, naquela hora, também, o varão da família, aprendi, sangrando de dor e saudade, que a vida segue, mas jamais se apagará a chama que nosso pai nos legou como o amigo, guia e protetor, e, sobretudo, como luz do amor que nos guia e há de guiar os que depois de nós vierem para cumprir a mesma missão paterna, afinal, ser pai é ser amor, exemplo e luz como Lourenço da Silva Braga.